


Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 52413
Título: Passeio pelos vinhos de Castela e Leão					Temática: Generalista	GRP: 3.4
2006/06/29	DIÁRIO DE NOTÍCIAS – PRINCIPAL	Pág.25	Imagem: 1/1		Periodicidade: Diária	Inv.: n.a.

BOA VIDA

[ESPANHA

Passeio pelos vinhos de Castela e Leão

Os responsáveis pelo festival Vinus Durii promoveram uma visita ao Douro espanhol, em que se puderam provar tintos da Ribera del Duero e de Toro, 'rosés' de Cigales e brancos de Rueda. Mas, fora estes últimos, com boa relação qualidade/preço, os outros eram de gama secundária

① Duarte Calvão

Que ninguém espere encontrar escarpas rochosas ou terraços de vinhas debruçadas sobre o rio. Do outro lado da fronteira, na região espanhola de Castela e Leão, o Douro é outro, com paisagens quase planas e a puxar para o árido. Mesmo assim, na semana passada, o Vinus Durii, Festival Internacional Douro/Duero, quis, pelo segundo ano consecutivo, encontrar pontos que unem as duas regiões, organizando um programa que começou em Peñafiel e terminou no Porto.

Além de portugueses e espanhóis, foram convidados jornalistas do Brasil, EUA, Canadá, Inglaterra ou Itália. O DN despediu-se do grupo quando se atravessou a fronteira, mas deu para conhecer um pouco das características da Ribera del Duero e de Toro e ainda provar vinhos de Rueda e de Cigales, outras denominações de origem que a região alberga.

A visita começou em Peñafiel, onde está localizado um dos mais conhecidos produtores da Ribera del Duero, a Protos, fundada em 1927 no sopé da colina do castelo. Estão agora a construir uma nova adega, com projecto "del arquitecto Ródggers", ou seja, do britânico Richard Rogers, responsável, entre outros edifícios, pelo centro Pompidou, em Paris.

Como muitos castelos são bonitos por fora, mas desiludem por dentro, em Peñafiel tiveram a boa ideia de instalar lá um moderno Museu do Vinho, de onde, após uma visita completa (umas duas horas), se sai um verdadeiro especialista. Foi lá também que se fez uma desinteressante prova de Ribera del Duero, já que só havia de gama secundária. Por motivos inexplicáveis, dos nomes que deram fama à região, como Vega Sicilia Único, Pingus, etc, nem cheiro.



Diferenças | O Douro espanhol tem pouco a ver com o Douro português



Infografia DN

À tarde, após visitar o mosteiro cistercense de Santa Maria de Vallbuena, recuperado nos anos 80, prova de rosés da denominação Cigales. Foi num passeio de barco no rio Pisuerga, afluente do Douro que banha Valladolid, estava calor, e tudo isso fez com que estes vinhos, que usam a casta tempranillo tal como os Ribera del Duero (aqui dá pelo nome de tinta del país, enquanto no Norte de Portugal é tinta roriz e no Sul é aragones), não soubessem mal.

O dia terminou muito melhor com uma prova de brancos Verdejo de Rueda num ótimo hotel nos arredores de Valladolid, o AC Palácio de Santa Ana. Aqui correu tudo bem, porque estes vinhos têm sobretudo grandes relações qualidade/preço e recomendam-se vivamente quase todas as marcas que existem.

No dia seguinte, partida para Toro e visita à Colegiata de Santa Maria, que data de 1143, ano que nos diz muito, mas que deixa os castelhanos indiferentes. A igreja tem um pórtico espectacular com o Juízo Final, que, por estar no interior, ficou mais protegido dos efeitos da passagem do tempo e das intempéries e, por isso, ostenta cores belíssimas e originais. A não perder.

Voltando aos vinhos, Toro foi a região vitícola espanhola que mais cresceu no ano passado, com grandes empresas a investirem lá. São tintos também de tempranillo (aqui tinta de Toro), que se destacam por terem (ainda) bons preços. Os jornalistas anglo-saxónicos presentes, sempre muito atentos ao value for money, gostaram bastante da prova que se fez, ainda que faltassem de novas gamas mais altas.

Em Portugal, estava prevista, entre outras, uma visita à Quinta do Crasto. Lá, fazem-se vinhos topos de gama do Douro que valem por todos os tintos provados em Castela e Leão... | ODN viajou a convite da Viní Durii